

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

NA ERA DO TEXTO: UMA BUSCA POR SINGULARIDADE EM ARQUITETURA E EM OUTRAS
VISÕES NO MUNDO DA GLOBALIZAÇÃO

Wilton de Araujo Medeiros (UFG)

Na Era do Texto: Uma Busca por Singularidade em Arquitetura e em Outras Visões no Mundo da globalização

Resumo

Na era do texto a arquitetura e o urbanismo devem estar atentos para os hibridismos. Para, as espacialidades (Soja 1993, p. 100) que se configuram por e entre os espaços. Outras visões também devem atentar para as diversas narrativas ou textos que são criados no cotidiano da metrópole, visando dominar ou controlar a realidade, recriando dimensões significativas e metamorfológicas. Faz-se necessário “compreender as cidades” (Medeiros 2004, p. 56) por um saber conjunto que configura um tipo de espelho a ser colocado diante da cidade-esfinge, da metrópole ou da urbanização, da “neutralização da distância”, da “simultaneidade sincrônica”, da “não simultaneidade diacrônica”, em que “surge o mundo do tempo compactado” (Beck 1999, p. 47 e 48), do tempo real que submete o tempo histórico a ilhas insólitas de *lugares*, caracterizadas por pinceladas de idiosincrasias valiosas no mercado de bens simbólicos.

Introdução

“Tínhamos uma sociedade referenciada.
Na globalização, as pessoas se vêem
jogadas ao exercício da singularidade.”

(Jorge Forbes)

No presente texto procuro apresentar realidades que se relacionam à Arquitetura e Urbanismo no mundo urbanizado e profundamente transformado por avanços tecnológicos. A preocupação em relacionar temas associados à arquitetura e urbanismo aos estudos sobre globalização, redireciona o olhar sociologizante para a cidade, e a metrópole, bem como a relação entre *espaço* e *espacialidade*. Poderemos perceber que há possibilidade de vida social num tempo em que “a fé cega no progresso já não existe mais”.

A realidade é híbrida, real e virtual no mundo globalizado, urbanizado e metropolizado, e ocorre num espaço e num *transespaço*¹ singular e paradoxal. Com o “declínio do indivíduo” a vida urbana é recriada por diversas “comunidades” de um “mundo mix” que se referenciam não somente no espaço, como o clássico “Economia e Sociedade” de Weber apresenta, mas no *texto* como possibilidade de processo identitário em tempo real, narrativo, presentificante. Singularidade e paradoxalidade caracterizam o viver cidadão, espacial e metropolitano na “era do texto”.

Na “idade do texto”, a arquitetura e o urbanismo devem estar atentos para o hibridismo. Para além do espaço, a espacialidade (Soja, 1993, p.100). Com isso, talvez, se modifiquem visões clássicas, burguesas e elitistas, pois, segundo Ficher 1995, “os arquitetos vivem uma tradição inventada de um passado nobre que surge com o ensino institucional da Academia Francesa, no século 17” (p.78), tradição e elitismo apenas atualizados pelo milenarista Corbusier (Comas, 1995, p.25), ou pelo teórico Graeff : “a manifestação de valor artístico é que permite distinguir a simples construção da obra de arquitetura” (1978: 15).

Breve contextualização

*E-topia*² é o espaço da globalização. É o nome que intitula um dos livros de William J. Mitchel, preocupado em investigar quais respostas os arquitetos podem dar ao pensar novas configurações espaciais em um mundo globalizado. Da mesma forma de já havia demonstrado em *City of Bits*³, Mitchel conclama os arquitetos a imaginarem “*configurações espaciais*

regionais, urbanas, de vizinhança e arquitetônicas que sejam sustentáveis e façam sentido econômica, social e culturalmente em um mundo eletronicamente interconectado e mais compacto” (Mitchell, 2002, p. 27).

Não tardaria mais. Intelectuais da arquitetura também buscam atualmente pensar o que significa ou significará na prática as mudanças que solaparam e dissolveram a razão iluminista, recrudescendo fronteiras sociais com a generalização do consumismo: negro retrato da metástase social no espaço urbano. Obscuridade que chega mesmo a atingir o paroxismo “na dissolução do indivíduo como sujeito da razão e da história, o declínio do indivíduo” (Ianni, 1995, págs. 19 e 20).

Novidades obcecando o fugidio. Fuga do tempo. Profundas reflexões sobre o espaço e as espacialidades sob novas formas de produção, novos padrões de vida. Ou seja, estamos diante de uma profunda transformação na reprodução da própria sociedade. Já ficou para trás os denominados “desencaixes”, apontados por Giddens como conseqüências da modernidade que surgiu em meio às sociedades tradicionais?

Após profundos e continuados avanços tecnológicos, as novas realidades de tempos e espaços, em todas as esferas da sociedade contemporânea, vêm proporcionando novos posicionamentos teóricos em relação à urbanística. Para Rem Koolhaas, a urbanização pervasiva transforma a própria condição urbana, e assim, a arquitetura é algo convulsivo,

Que se espalha infinitamente, incontrolável, não mais comprometida com a criação de ordem e coerência. (...) Não se tratará mais da disposição de objetos mais ou menos permanentes, mas da irrigação de territórios. Ele não buscará mais configurações estáveis, mas a criação de campos que acomodem processos que resistam a ser cristalizados em formas definitivas. Não a imposição de limites, mas a supressão de fronteiras. Não a identificação de elementos, mas a descoberta de híbridos. (...) A partir de determinada escala, o edifício torna-se tão enorme que a distância entre o centro e o perímetro rompe toda possibilidade de significação (www.arte-cidade.com.br/textos).

As metrópoles e suas redes de cidades pulsam, bombeiam e jorram o cutâneo, o subcutâneo e as vísceras de realidades já observadas por Cerda e Giovannoni⁴, também observadas na Carta de Atenas⁵. A quantidade de cidades e a escala por elas alcançadas em menos de um século de intensa urbanização mundial fazem Drucker⁶ afirmar com pessimismo

que não existem políticas “para gerenciar uma sociedade primordialmente urbana” (Drucker, 1998, p. 14).

Em uma sociedade primordialmente urbana, em que “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade” (Castells, 1999, p. 57), a fé cega no progresso já não existe mais. Não existem mais as fórmulas bem acabadas como as ditadas pelo ideário modernista, que pregava o inter-relacionamento das “zonas” para o trabalho, habitação, serviços e lazer, costurados pelo traçado viário, compondo formas que seguiam a função para mudar a sociedade e torná-la mais “harmônica”, porque pretensamente mais racional (Harvey, 2003, p. 15).

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza acredita que no mundo globalizado e prevalentemente urbanizado, já não é possível pensar somente o *espaço* de forma isolada, mas as “questões urbanas⁷” obrigam a pensar *espaço* e *espacialidade* conjuntamente, encarando as próprias relações sociais em sua complexidade econômica, política, “sua dimensão cultural e (inter) subjetiva enquanto *lugar* e, também, a sua vinculação com o “espaço físico” originário e pré-social” (Souza, 2000, p. 28).

O posicionamento teórico acerca da necessidade de um saber conjunto entre *espaço* e *espacialidade* acima assinalado, é uma forma de enfatizar que urge compreendermos o espaço e o tempo da globalização em que habitamos. Vai além das necessidades sociais de programa, tais como assinaladas por Bruno Zevi e Edgar Graeff:

Todo mundo pode desligar o rádio, desertar dos concertos, aborrecer-se no cinema e no teatro e não ler o livro, mas ninguém pode fechar os olhos frente a todas as edificações que integram a cena da vida cidadã e levam o selo do homem aos campos e à paisagem.

Esse caráter impositivo da presença dos edifícios implica a necessidade de reconhecer a comunidade inteira como proprietária e usuária da obra de arquitetura. A sociedade aparece, portanto, diante do arquiteto como cliente, parte interessada na obra, com necessidades e aspirações a serem integradas no programa (Graeff, 1978, p. 20,21).

Faz-se necessário “compreender as cidades” (Medeiros, 2004, p. 56) por um saber conjunto que configura um tipo de espelho a ser colocado diante da cidade-esfinge⁸, da metrópole ou da urbanização, da “neutralização da distância”, da “simultaneidade sincrônica”, da “não simultaneidade diacrônica”, em que “surge o mundo do tempo compactado” (Beck, 1999, p. 47 e

48), do tempo real que submete o tempo histórico a ilhas insólitas de *lugares*, caracterizadas por pinceladas de idiosincrasias valiosas no mercado de bens simbólicos. Faz-se necessário compreender as cidades-texto, multi-perspectivadas, fragmentadas e insurgentes às cidades oriundas das meta-narrativas iluministas (Harvey, 2003, págs. 52, 53).

Se o silício é o novo aço e a Internet é a nova ferrovia (Mitchell, 2002), se o mundo se torna um só, se o sol já não se põe, e “pela primeira vez na história uma mesma fantasia da vida une a humanidade” (Ianni, 1995, p. 25), se a telepresença pode substituir a presença e se a arquitetura ou outros objetos físico-culturais podem compor uma realidade híbrida, em que o real é também virtual, reunindo em si mesmo níveis diferentes de informações, sejam morfológicas, sejam digitais, urge, talvez, a compreensão e a prática do “exercício da singularidade”, idéia de Jorge Forbes, apresentada acima, na epígrafe.

A compreensão do singular e do particular no contexto urbano talvez seja necessária para o “acolhimento de algo a um só tempo familiar, mas que não se traduz em um conceito, que é de difícil compreensão, mas que transforma o cotidiano com uma violência inegável e obrigam todos a se acomodarem à sua presença e a fornecer respostas” (Beck, 1999, p. 46). A vida urbana multifacetada em textos e singularidades se impõe como a “cidade-esfinge” que pede para ser decifrada (Medeiros 2003).

O singular e o paradoxal

A cidade-esfinge viceja uma realidade híbrida, real e virtual do mundo globalizado, urbanizado e metropolizado, em que o poder panóptico não mais prende os subordinados ao lugar, “aquele lugar onde podiam ser vigiados e punidos por qualquer quebra de rotina” (Bauman, 2003, p. 35), realidade complexa em que a idéia de cidadania é “uma idéia multiforme muito valorizada, porém pouco precisa em seu conteúdo” (Gomes, 1997, p. 43 *apud* Souza 2000: 172).

Exercitar a singularidade é movimentar-se em direção à busca por diferenciação. Nesse sentido, observa Jean Pierre Warnier, “as mudanças tecnológicas na mídia favoreceram a multiplicação dos públicos singularizados ao extremo” (Warnier, 2000, p. 152). A busca por diferenciação é um escape à homogeneidade. Mas esse escape, para Bauman, é um resultado angustiante e aterrador amplamente globalizados e fora do alcance das instituições políticas existentes (2000: 57).

Contudo, a busca por singularidade pode envolver certos riscos. Como que reeditando o mito moderno de criação do novo, em que se é ao mesmo tempo ‘destrutivamente criativo’ (Harvey, 2003, p. 25), a busca por singularidade pode traduzir-se no paradoxal estranhamento da criação replicante. E o resultado pode ser desconcertante, desordenador. A novidade pode ser estranha e incomum. Mas o estranho não comunica. O estranho está na comunidade do exercício por singularidade como criação replicante. No exercício por singularidade, pode-se encontrar o estranhamento do novo. O novo ainda é igual, um igual estranho. E aí o novo pode ser incomunicável, texto sem contexto, fragmento.

Assim, a busca pelo novo somente pode ser entendida como singular se estiver entre os liames do comunicável, organizável, no contexto de uma “comunidade de texto”. Contudo, “Raymond Williams, atento analista de nossa condição comum, observou de modo cáustico que o que é notável sobre a comunidade é que “ela sempre foi” (Bauman, 2003, p. 8). A vida urbana é ávida por complexidade. Quanto mais complexas as cidades, tanto mais palatáveis a nós, urbanos, que aspiramos ser seres cada vez mais complexos. Richard Sennet acredita que “a uniformidade embrutece enquanto a diversidade estimula o espírito” (*in* Correio Brasiliense – 25/02/2001).

Mas essa busca pela complexidade que estimula a vida urbana, situa-se no paradoxal limite que caracteriza uma “época, ou estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem “tradicional”, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente” (Bauman, 1998, p. 20). E ‘ser’ começando permanentemente significa recomeçar comunidades singulares, que findam por se tornarem criações replicantes que realimentam o paradoxo singular/homogêneo.

Esse aspecto fugidio das comunidades no mundo contemporâneo, pode ser observado simbolicamente no valor utilitário de um único aparelho portátil que pode desempenhar o papel de telefone celular, *pager*, agenda digital ou controle remoto de TV, ou de um cartão de plástico que pode servir para código de créditos, identificação de usuário, dinheiro ou uma simples chave. Assim, a noção de limite, de localização de uma delimitação, fica paradoxal. Da mesma forma que as comunidades são fugidias e textuais, a arquitetura e urbanismo também o são: o paradoxo da sociedade é também o paradoxo da arquitetura e urbanismo.

Essa busca do “novo em permanente recomeço”, talvez se explique pela destruição da noção de início e fim do meio em que vivemos. Pela instalação do instável e do fugidio. No mundo globalizado em que vivemos, a idéias de limite e fixidez tornaram-se dilemáticas:

No mundo em que vivemos no limiar do século XXI, as muralhas estão longe de ser sólidas e com certeza não estão fixadas de uma vez por todas; eminentemente móveis, parecem aos passantes divisórias de papelão ou telas destinadas a serem reposicionadas mais e mais vezes segundo mudanças sucessivas de necessidades ou caprichos. Alternativamente, pode-se dizer que há hoje meadas de algodão onde ficavam as gaiolas de ferro do tempo de Max Weber (Bauman, 2003, p. 45).

A cidade é paradoxal por ser espaços e territórios de comunidades de textos, comunidades de singularidades, de criações e recriações replicantes como motivadores de uma vida complexa: “Espaço dialógico em que a expectativa é de discordância, conflito e confronto de perspectivas, e não apenas de trabalho conjunto e consenso” (Featherstone, 1996, p. 10 in Paviani, 1999, p. 202). Mesmo Venturi e Portoghesi que fizeram a crítica e a prática de uma arquitetura distanciada das metanarrativas iluministas inculcadas nos modernos, a busca de nova fixidez e estabilidade é patente como profissionais liberais que buscam *distinção* profissional.

Apesar de suas posições antimodernistas, as obras (tanto arquitetônicas quanto literárias) de Venturi e Portoghesi ilustram bem o pensamento crítico de Sylvia Ficher a respeito das atividades liberais burguesas e elitistas como resultantes de um modelo de ensino de arquitetura francesa do século XVII:

Embora tenham variado as formas arquitetônicas desde a Academia, não mudou o modelo de ensino, centrado no projeto de obras de exceção. (...) desfrutando igualmente do prestígio do passado monumental e do futuro tecnológico, o arquiteto se afasta da banalidade cotidiana da construção” (Ficher, 1995, págs. 79, 80).

Venturi e Portoghesi reforçam a “criação destrutiva” e a busca por singularidade arquitetônica, que na verdade é construção de nova homogeneidade. Suas obras não se diferenciam em nada de outras atividades burguesas e elitistas, parecendo querer sempre se refugiar no prestígio e no heroísmo que rondam a figura do arquiteto-mito assemelhando-se, nesse aspecto, ao que ocorria no período renascentista, período que “comportava alguns heróis como Michelangelo, aquele que podia se permitir o luxo de destratar papas como nos conta Vasari⁹” (idem: 80).

Espaço e texto como referências para o “mundo mix”

“A chave para a sobrevivência e a saúde dessa nova sociedade humana urbana é o desenvolvimento de comunidade na cidade” (Drucker, 1998, p. 14). Por paradoxal e singular que seja. O paradoxal e singular viver na cidade pode ser entendido como o viver moderno, viver desenraizador, contudo, um viver recriador. No limite, replicante e homogeneizador, mas constituidor das complexidades que seduzem o homem urbano.

William Mitchel diz que a cidade no espaço da globalização, “não pode mais existir e funcionar como tempos atrás. Foi devido aos *bits*; eles fizeram isso com elas” (Mitchell, 2002, p. 20).

Essa juventude se deparou com um mundo despadronizado e o nomeou mundo mix. Quando se quebra o padrão, se quebra também o diálogo como cimento fundamental do laço social, como era considerado pelos iluministas, que tinham o saber como direção principal da experiência humana. Quando duas pessoas falam com parâmetros diferentes, o diálogo é substituído por monólogo.” (Forbes, 2003, p. 102)

Em *Gemeinschaft und Gesellschaft (Comunidade e sociedade)*, Ferdinand Tönnies foi o primeiro a destacar que os homens precisam de uma comunidade. “Mas a comunidade que Tönnies, há pouco mais de um século, ainda esperava preservar, a comunidade ‘orgânica’ da sociedade rural tradicional, acabou-se, e para sempre” (Drucker, 1998, p.16).

“Fica fácil então compreender que as relações sociológicas envolvidas na comunidade dizem respeito à *solidariedade* em oposição ao *individualismo* que domina as estruturas do tipo *gesellschaft* como a metrópole. (...) Para opor-se a esse movimento avassalador da metrópole suburbanizadora a comunidade precisa reforçar seu sentimento orgânico. (...) Seu sucesso está na possibilidade da existência de uma comunidade com *kultur* em frente ou dentro da civilização” (Rocha-Peixoto 1997: 118, 222, 227).

O *kultur*¹⁰ comunicável se perpetua no exercício de singularidade da comunidade. Torna-se paradoxalidade quando se relaciona com o “outro” antropológico ou sociológico, definido como *civilização*. Mas é a paradoxalidade da *Kultur-civilização*¹¹ que reafirma a humanidade recriada na cidade, expondo com traços de realidade a cortante preocupação de Peter Drucker –

A tarefa hoje, portanto, é criar comunidades urbanas – algo que nunca existiu. Em vez do que acontece com as comunidades tradicionais da história, as comunidades urbanas dever ser livres e voluntárias, mas também precisam oferecer ao indivíduo da cidade uma oportunidade de realizar, de contribuir, de ter importância (Drucker, 1998, p.16).

bem como a assertiva afirmação de Zygmunt Bauman:

Como ‘comunidade’ significa entendimento compartilhado do tipo ‘natural’ e ‘tácito’, ela não pode sobreviver ao momento em que o entendimento se torna autoconsciente, estridente e vociferante; (...) quando começa a versar sobre seu valor singular, a derramar-se lírica sobre sua beleza original e a afixar nos muros próximos loquazes manifestos conclamando seus membros a apreciarem suas virtudes e os outros a admirá-los ou calar-se – podemos estar certos de que a comunidade não existe mais (ou ainda, se for o caso). A comunidade ‘falada’ (mais exatamente: a comunidade que fala de si mesma) é uma contradição em termos. (...) ‘Identidade’, a palavra do dia e o jogo mais comum da cidade, deve a atenção que atrai e as paixões que desperta ao fato de que é substituta da comunidade (Bauman, 2003, p.ágs.17, 20).

Compactuando com a cortante preocupação de Drucker e também com a assertiva afirmação de Bauman, podemos entender que a busca de singularidade na cidade torna-se a busca pela comunidade de identidade. Identidade e singularidade tornam-se palavras sinônimas. A cidade não vive sem identidade, e o viver na cidade torna-se impossível sem singularidade. Se a busca por singularidade é uma ciranda que se inicia e que se alimenta com os fluxos transpaciais de consumo ou simples competições relacionais entre *softwares*, ou como forma de contraposição ao fato de podermos construir espaços inteligentes a partir de objetos inteligentes interativos (Mitchel, 2002), a cidade torna-se o *locus* singular da *Kultur-civilização*, “mundo mix” em que o filme matrix e a música eletrônica são símbolos da juventude de uma sociedade mutante muito diferente de uma sociedade referenciada:

Estamos entrando na era da globalização e vivemos uma mudança no eixo das identidades. Na era industrial, havia um eixo vertical. Impunham-se padrões de comportamento: o cinema e o teatro que deviam ser vistos, a profissão certa, a idade para casar... tínhamos uma sociedade referenciada. (...) Os moços de hoje têm que inventar seu futuro. Na era da globalização, são obrigados a assumir com responsabilidade o que fazem. Os laços sociais tornam-se mais frágeis no tempo e mais responsáveis na escolha.

Essa mudança é um problema para quem gosta de acomodação e é uma vantagem para os que suportam a criatividade. Acho que essa geração está bem, quem está mal são os pais. (...) Os pais precisam aprender a ser arbitrários. Não dá mais para fazer sermões ou discursos. (...) Minha proposta é ‘não se justifique, não se explique’. Vale para a relação pai e filho, professor e aluno, chefe e subordinado. Não adianta querer explicar. Escrevi uma carta ao Lula¹², em que digo a ele. “Você está fadado a ser incompreendido. Para de se justificar porque não vai dar certo (Forbes, 2003, págs. 102, 103).

Se o exercício da singularidade e a construção e reafirmação de identidades tornam-se referências para as relações urbanas globais, a noção de espaço não é uma referência menor, encontra-se mesmo na base do “conceito e categoria de cidade”, pelo menos assim é o que afirma Max Weber no clássico “Economia e Sociedade”, apontando de forma original, as alusões feitas pelo geógrafo Marcelo Souza.

As idéias espaciais e morfológicas de assentamento, fechamento e contigüidade, para Weber, são pontos em comum a qualquer definição de cidade. Suas análises têm como eixo central a idéia de *oikos*, mas considera que um dos fundamentos de uma cidade é necessariamente a (...) “existência de uma sede senhorial-territorial” (Weber, 1999, p. 408), ou seja, um dos fundamentos é a localização e a espacialização. Ao escrever sobre “conceito e categorias de cidade”, Weber partiu necessariamente de uma idéia morfológica e espacial: “Pode-se tentar definir ‘cidade’ de formas muito diversas. Apenas uma coisa tem em comum todas as definições: que se trata, em todo caso, de um assentamento fechado, (...) um povoado, isto é, um assentamento com casas contíguas” (idem).

Diversas análises clássicas, especialmente as marxistas, negligenciaram as idéias de espaço e espacialidade, tornando a compreensão da realidade refém de compreensões historicistas e economicistas,

Como corretamente apontou Edward Soja (1993), a despeito de alguns *insights* e valiosas contribuições parcelares. (Aliás, diga-se de passagem, também as imagens da sociedade ideal dos ‘socialistas utópicos’ tinham o espaço apenas como *background*, conforme lamentou Kevin Linch [1994].) foram sobretudo marxistas contemporâneos – geógrafos como David Harvey (1980) e o próprio Soja (1980), economistas como Alain Lipietz (1987) e o filósofo e sociólogo Henri Lefebvre (1969; 1976; 1981; 1983) – que valorizaram explícita e sistematicamente o espaço no âmbito da teoria marxista (Souza, 2000, p. 26).

Ao entender a cidade como arquitetura, apesar de desenvolver uma análise muito mais referenciada na historicidade do que na espacialidade, Aldo Rossi dá uma contribuição significativa para a compreensão da relevância das construções identitárias nas cidades, ao entender a arquitetura como tendo uma “natureza coletiva”:

Entendo a arquitetura em sentido positivo, como uma criação inseparável da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é, por natureza, coletiva. (...) Arquitetura é parte integrante do homem, é a sua construção. A arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos (Rossi, 2001, p.ágs. 1 e 2).

É natural que um arquiteto compreenda o mundo a partir da visão da arquitetura, que o geógrafo assim o faça sob a ótica do espaço ou espacialidade, e que o crítico literário tenha uma visão de mundo a partir do texto. Fredric Jameson, crítico literário por formação, relaciona o contexto sócio histórico que o rodeia como textos que fazem a mediação entre o homem e o mundo. Não poderia ser diferente. Para um objeto tão complexo quanto a cidade e suas múltiplas atualizações, nada tão justo quanto um feixe igualmente complexo de explicações e interpretações que buscam decifrá-la. Assim, a realidade em que vivemos está eivada de multivisões que conformam teoricamente toda a complexidade do mundo urbano, e que de certa forma está presente neste texto. Então, as teorias que temos sobre espaço, espacialidade, cidade, metrópole, “questão urbana” em tempos de globalização, atravessam as questões até então dispostas, de forma transversal, multivisões que abarcam e multidirecionam olhares, afirmações e interpretações.

Na era do texto

A diversidade de concepções sobre como é a sociedade que produz as metropolizações contemporâneas demonstra bem a cera da dificuldade de apreensão deste objeto, ao qual temos denominado de *hiper* objeto. Tal sociedade tem sido teorizada nas últimas décadas por várias correntes do pensamento social como sociedade pós-industrial e da informação (Bell, 1976), do conhecimento (Drucker, 1993), pós-moderna (Lyotard, 1989), ou a teoria da sociedade de risco (Beck, 1992). Bauman identifica dois contextos: 1) modernidade sólida; 2) modernidade líquida.

Trata-se de uma sociedade de indivíduos (Elias, 1994) em que o individualismo emerge e submerge na cultura do movimento e da velocidade – “habitaremos um mundo onde as coisas não ficam paradas, mas pensam no que deviam estar fazendo e decidem o que fazem de acordo com suas funções” (Mitchel, 2002, p. 83). A busca por singularidade e identidade ocorre no âmbito da crise de homogeneidade moderna - “dentre as diversas sensações de estranhamento, de ansiedade que o cidadão do mundo moderno tem, destaca-se a crise permanente de identidade” (Ribeiro, 1998, p. 17), que traz em si a permanente busca por singularidade.

Em meio à crise e retração do espaço e da vida pública, os sujeitos lutam por singularidades ou identidades num mundo em que o isolamento absoluto já não existe.

Uma coisa que não está acontecendo é o desaparecimento das fronteiras. (...) Apesar do que dizem os guardas de fronteira, as fronteiras que eles protegem não foram traçadas para defender a singularidade das identidades já existentes. (...) Só depois que os marcos de fronteira são cravados e as armas estão apontadas contra os intrusos é que os mitos sobre a antiguidades das fronteiras são inventados” (Bauman, 2003, p. 21).

Claro, o mundo está ficando cada vez menor, algo transmitido pelas idéias de encolhimento do mundo e de fechamento do sistema mundial. Só que não se pode desconsiderar o que chamo da dialética da homogeneização/heterogeneização. E aqui aumenta dramaticamente a complexidade para a análise do cientista social. À medida que cresce um mesmo sistema, ele não apenas se nutre dele, mas necessita reproduzir diferenças. Ao mesmo tempo em que se homogeneíza e se fragmenta (Ribeiro, 1998, p. 19).

A retração do espaço público, também a dialética da homogeneização/heterogeneização, segundo Jameson, refletem num condicionamento dos centros urbanos como algo insípido presencialmente, porém, com qualidade positiva quando transformados em “texto”. A arquitetura pós-moderna é, segundo Jameson, (...) “propriedade dos críticos literários” (Jameson, 2002, p. 121). A arquitetura e a teoria pós-moderna revestiram-se de narrativas para realizar o exercício da singularidade. E a singularidade realizada no texto é consubstanciada pela diversificação, pela fragmentação. O texto singular da pós-modernidade é pluralista, complexo, contraditório, mas narrativo. É por isso que Robert Venturi diz: “Acolho com prazer os problemas e exploro as incertezas. Ao aceitar a contradição, assim como a complexidade, tenho em vista a vitalidade,

tanto quando a validade” (Venturi, 1995, p. 2). Venturi quer e deseja criar uma narrativa da paisagem, uma meta-paisagem, Venturi almeja o exercício da singularidade.

Poderosa reorganização visual e espacial da cultura pública. Sintetizamos e reformulamos, aqui, tais ingredientes: controle espacial de uma paisagem urbana (e também rural e selvagem) estetizada, da qual se excluiu tudo que possa conotar perigo, ameaça violência, intranqüilidade, perturbação da ordem. (...) A monumentalização toma elementos da paisagem e os transforma em fetiches, por assim dizer sacralizados, dotados de valores próprios, como se fossem autônomos, imutáveis, independentes das contingências da vida sociocultural, independentes, também, do próprio contexto ambiental” (Menezes, 2002, págs. 50, 56).

O exercício da singularidade é um emergente produto da vivência urbana. Na sua dimensão teórica, textual, emerge de um processo de produção de conhecimento que é simultaneamente global e local. Glocal. *Kultur*-civilização. “Novas diferenças baseadas na tensão entre a continuidade e a descontinuidade resultante dos processos situados de articulação e de enunciação. A experimentação literária e expressiva será, sem dúvida, um meio fundamental para a emergência e articulação dessa teoria” (Nunes, 2002, p. 328).

O mundo marcado pela construção de âmbitos *glocals* expressa a vida e o viver urbano como texto. A cidade é cidade-espetáculo (Boyer 1994). A cultura é transformada em bem ou valor, instaura-se a “economia das trocas simbólicas”, (Bourdieu 1989), e a “mundialização da cultura” (Warnier 2000). O exercício da singularidade na busca da expressão textual “têm posto em evidência que a sociedade contemporânea é marcada profundamente pelo desenvolvimento e utilização das ciências e das tecnologias, em particular das novas da informação e da comunicação, pela substituição do capital e do trabalho pela informação como recurso estratégico da economia” (Gonçalves, 2002, p. 345).

Fazendo referência à ‘sociedade do espetáculo’ postulado por Guy Debord, lembra sua raiz no capital acumulado em tal grau, que na realidade, se transforma em imagem. A cidade reduzida ao jogo da pura imagem tem íntima vinculação com a lógica do consumo e a venda de estilos de vida para o tempo e o lazer. (...) Ver a cidade, hoje, não pode escapar de ver um enorme, pulsante e atraente espaço de venda. (...) O cidadão foi convertido em consumidor. O teatro do consumo é que fornece a matriz do olhar paisagístico contemporâneo (Menezes, 2002, p. 49).

Considerações finais:

O exercício da singularidade passa pela construção de um olhar textual que produz a imagem da cidade para uma determinada comunidade. Na cidade imagética, a construção da cidadania é a construção da identidade expressa em determinada imagem textual, narrada, inventada. Textos e palimpsestos são inventados e reinventados para a criação de identidades, para a identificação de comunidades. A “destruição criativa” da modernidade agrupa e reagrupa grupos e comunidades com palavras, imagens e símbolos para configurar o existir cuja velocidade média é a exata equação entre a variação do tempo e a variação do espaço. O existir é espaço-temporal, mas só é singular na medida em que se expressa na velocidade da modernidade, e só pode ser compreendido na medida em que é textualizado, pois o “existir veloz” só subsiste textual ou narrativamente. É como se por meio de narrativas ou textos que criamos pudéssemos dominar a realidade, incontrolável, superando a história e recriando uma dimensão atemporal de existência como forma de proteção à realidade fluida e aos processos fluidos. Por isso inventar espaços e tempos é escrever textos que produzem identidades para mercadejar singularidades. A cidade é aço, concreto, estilhaço, fuligem. Mas só subsiste na medida em que cada fragmento seu se transforma em uma metáfora, em uma metonímia, em um símbolo, em um significado, em uma idéia em uma idéia que possa corporificar contexto (s).

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____ Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECK, Ulrich. O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização. São Paulo: Paz e terra. 1999.

BELL, Daniel. The coming of the post-industrial society: a venture in social fore-casting. Harmondsworth: Penguin Books, 1999.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

BOYER, M. Christine. The city of collective memory. *In* Its historical imagery and architectural entertainments. Cambridge: MIT Press, 1994.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.

- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a reconhecer. *In* *Arquitetura Revista FAU/UFRJ* – v. 5 – 1987.
- DRUCKER, Peter. A sociedade pós-capitalista. Lisboa: Difel, 1993.
- _____. A transformação global. *In* *A comunidade do futuro*. São Paulo: Futura, 1998.
- FEATHERSTONE, Mike. “Localismo, globalismo e identidade cultural cultural”. Sociedade e Estado. *In* *Revista Semestral de Sociologia XI* (1): 9-42, janeiro/junho. Brasília, 1996.
- FICHER, Sylvia. Mitos e perspectivas: profissão de arquiteto e ensino de arquitetura. *In* *Revista Projeto* n. 185 – maio/1995.
- FORBES, Jorge. 2003. Entrevista para a revista Istoé n. 1785, de 17 de dezembro de 2003. pp. 102 e 103.
- FRÚGOLI, Heitor Jr. Espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- GOMES, Paulo César da Costa. A dimensão ontológica do território no debate da cidadania: o exemplo canadense. *Território*, n. 2, vol. 1, pp. 43-62. 1997.
- GONÇALVES, M. E. Europeização e direitos dos cidadãos. *In* *A globalização e as ciências sociais*. SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Edifício. *In* *Cadernos Brasileiros de Arquitetura*. São Paulo: Editora Projeto, 1978.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- IANNI, Octávio. Teorias da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MARTINS, Carlos A. Ferreira. Lucio Costa e Le Corbusier: afinidades eletivas. *In* *Lucio Costa: um modo de ser moderno*. NOBRE, A. L.; KAMITA, J. M.; LEONÍDIO, O.; CONDURU, R. (orgs.). São Paulo, 2004.
- MEDEIROS, Wilton. Centro de Goiânia, memórias e identidades. *In* *Coletânea de resumos científicos –Anápolis: Universidade Estadual de Goiás*, 2004.
- _____. A decifração da cidade. *In* *Revista Habitus* v. 1, n. 2. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

- MENESES, Ulpiano T. B. A paisagem como fato cultural. *In* Turismo e paisagem. Eduardo Yázi (org.). São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- MITCHELL, William J. E-topia: a vida urbana – mas não como a conhecemos. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- NUNES, João A. Ciência, informação e cidadania. *In* A globalização e as ciências sociais. SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- PAVIANI, Aldo. Gestão do território com exclusão socioespacial. *In* Brasília –gestão urbana: conflitos e cidadania (Aldo Paviani, org.). Brasília: Editora UnB, 1999.
- PEREIRA, Margareth da Silva. *Quadrados brancos: Le Corbusier e Lucio Costa*. *In* Lucio Costa: um modo de ser moderno. NOBRE, A. L.; KAMITA, J. M.; LEONÍDIO, O.; CONDURU, R. (orgs.). São Paulo, 2004.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. “Sob o signo do fim”: Uma reflexão antropológica sobre a globalização das sociedades e das culturas neste fim de século. *In* Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: Ed. UCG, 1998.
- ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Niterói patrimônio: a melhor coisa para Niterói é a vista do Rio. *In* Cidade múltipla: temas de história de Niterói. MARTINS, Ismênia de Lima & KNAUSS, Paulo (orgs.). Niterói: Projeto Editorial Niterói Livros, 1997.
- ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOJA, Edward W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- VENTURI, Robert. Complexidade e contradição em arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- WARNIER, Jean-Pierre. A mundialização da cultura. Bauru: EDUSC, 2000..

¹ Ausência de configuração morfológica material.

² “*E-topia*, além da significação de ‘lugar eletrônico’, lembra a *Utopia* de Thomas Morus, obra clássica referente a um país imaginário, ótimo – e por isso mesmo, irrealizável” (Mitchell 2002: p. 07).

³ William J. Mitchell, *City of Bits* (Cambridge: MIT Press, 1995).

⁴ “Giovannoni baseia seu raciocínio na dualidade essencial dos comportamentos humanos que Cerda considerava o motor da urbanização: ‘o homem repousa, o homem se move’. (...) Giovannoni levanta lucidamente a questão que tantos urbanistas, autoridades e políticos ainda hoje escamoteiam: não teria acabado o tempo da cidade densa e

centralizada e não estaria esta começando a desaparecer dando lugar a uma nova forma de agregação? Já não é possível imaginar ‘o fim do grande desenvolvimento urbano’ e mesmo uma verdadeira *antiturbanização*?’ (CHOAY 2001: 196)

⁵ “Nenhuma atuação pode ser considerada se não se liga ao destino harmonioso da região. O plano da cidade é só um dos elementos do todo constituído pelo plano regional”. In *Cartas Patrimoniais* (Cury, Isabelle – org. IPHAN. 2000. Rio de Janeiro).

⁶ Na introdução do livro “A comunidade do futuro”, Peter Drucker diz que quando nasceu, antes da primeira guerra mundial, um em cada 20 seres humanos vivos morava e trabalhava em uma cidade, a maioria era agricultora. No cenário descrito por Drucker, “a cidade ainda era um pequeno oásis em um universo rural” (Drucker, 1998, p. 14).

⁷ “A expressão *questão urbana* tornou-se internacionalmente popular a partir da publicação da obra homônima de Manuel Castells, em 1972” (Sousa, 2000, p.41).

⁸ “Sua trama mostra-se intrincada, impedindo qualquer possibilidade fácil de identificação do desenho que a define. Sua decifração exige aparato conceitual afiado” (Frúgoli, 1995, p. 9)

⁹ Giorgio Vasari. *Lives of the artists*. 1965. Apud Ficher, 1995, p. 80.

¹⁰ Termo usado pelos alemães para designar a “cultura local”. Nesse caso, a idéia de local se contrapõe à idéia de “universal”.

¹¹ Termo usado pelos franceses para designar “cultura universal”.

¹² Presidente da República do Brasil, eleito em 2002, para um mandato de quatro anos, reeleito em 2006.